

LEITORES, LEITURA E CÍRCULOS: UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA

RESUMO - O presente texto pretende discutir os círculos de leitura como uma proposta metodológica, para tanto discute o conceito de leitor, como um processo de implicação do sujeito no mundo através da produção de sentidos. Propõe o Círculo de Leitura, de matriz yunesiana, como uma forma de resistência aos apelos mais imediatistas do mundo contemporâneo, bem como uma forma de apresentação do literário, na escola e nos espaços culturais, sem o peso que, muitas vezes, é impresso pelo ensino de literatura.

Palavras-chave: Leitor; Leitura; Literatura e Círculos de Leitura.

READERS READING AND READING CIRCLES: A METODOLOGICAL PERSPECTIVE

ABSTRACT - This article intends to discuss reading circles as a methodological proposition, for that it discusses the concept of a reader, as a process of implicating the individual in the world through the construction of meanings. It suggests the Reading Circle, within yunesian molds, like a means of resisting the more immediate appeals of the contemporary world, as well as a way to present the literary universe, at school and at cultural centers, exempt from the ennui which, more often than not, is compelled by the teaching of Literature.

Key-words: Reader; Reading; Literature and Reading Circles

Rodrigo Matos de Souza
Centro Universitário Jorge Amado
(UNIJORGE)
Mestre em Estudo de Linguagens
pela Universidade do Estado da
Bahia (PPGEL/UNEB). Professor do
curso de Letras do Centro
Universitário Jorge Amado
(UNIJORGE).

rodrigomatos28@hotmail.com

Pensar a leitura como fenômeno complexo, que ultrapasse a mera reprodução dos signos impressos num papel, é o grande desafio de se abordar esta prática cultural do ponto de vista metodológico, como um procedimento a ser ensinado. A subjetividade do ato de ler parece não permitir sistematizações significativas para o seu aprendizado, no entanto, pensar esta prática metodologicamente não significa reduzi-la a uma abordagem didática, na qual os educandos desenvolvem um produto a ser averiguado, mas percebê-la como processo de produção de sentidos a partir da leitura e para além da escola. A problematização desses sentidos é o que proporcionará ao sujeito seu [re]encontro com o prazer da leitura, pois a mesma não se apresentará para ele como um conteúdo a ser cobrado, será parte de sua vida.

O sujeito se constitui leitor das mais variadas formas, seja na escola ou no ambiente familiar, quando ainda crianças ou já adultos, em ambientes onde os livros abundam ou em contextos onde ler é algo proibido, por obrigação ou por puro prazer... Os motivos são muitos. As formas de tentar objetivar o ato de ler como campo de estudo também encontra acolhida nas mais variadas formas de conhecimento. A leitura, por estar impressa em uma dinâmica, que é social, porém, também, subjetiva, escapa entre os dedos de quem gostaria de delimitar um modo de ler e de aprender a ler, motivado, talvez, pelo afã pedagogizante que pretende reduzir todas as experiências humanas a métodos de ensino-aprendizagem.

No ato de ler, há algo que pertence exclusivamente ao sujeito, este pertencimento é a sua história de leitura - o modo como este sujeito se deparou ao longo da vida com as diferentes formas de ler -, o que está intimamente marcado pelo modo como este indivíduo se inseriu nas mais variadas situações da vida cotidiana. A vida é do sujeito e os seus modos de ler estão marcados pelas suas experiências, pela sua relação com o mundo.

O Conceito de Leitor

O conceito de leitor tem se revelado historicamente complexo, frutificando-se em um imenso terreno, do qual este artigo não daria conta. Não percorro a senda da explicação panorâmica por achar que nela já muito se correu. Restar-me-ia, apenas, tentar resumir, com todo o risco de injustiça para algum campo, que, por ventura, acabaria por esquecer. Ademais, não faltam tentativas de estabelecimento de conceitos de leitor que, longe de se excluírem, complementam-se (JAUSS, 2005; PICARD, 2003; ECO, 2004; BARTHES, 2004; JOUVE, 2002; ISER, 1996), trazendo cada um sua mirada sobre o objeto. Aqui, o que faço é desenvolver aproximações que possibilitem a você leitor compreender melhor a discussão contemporânea sobre o ato de ler.

Tal discussão não pretende que a leitura seja um remontar de um sentido obscuro, para o qual só o autor tem as chaves e demandaria de qualquer um o esforço hercúleo de um doutoramento só para conseguir ler um livro de Guimarães Rosa, o que se objetiva é que o sujeito desempenhe o papel de provocador do texto, propondo-lhe novas apropriações baseadas em seu conhecimento prévio e problematizada com outras leituras, afinal, não é isto que fazem os teóricos dos estudos literários, lêem e implicam a leitura num universo cultural mais complexo, o da chamada tradição racional ocidental?

Como nem sempre dispomos dos mesmos recursos que os ditos teóricos, significa que nossa leitura seja menos autorizada, ou pobre? Muito pelo contrário, talvez o universo de um Guimarães Rosa seja mais bem compreendido por sujeitos que vivenciam a realidade sertaneja do norte de Minas Gerais do que pelos especialistas que, muitas vezes, precisam dedicar-se por anos a fio para dar sentido a algo que você leitor compreende no momento em que lê, porque a representação faz referência à sua vivência mais imediata.

Deleuze (2000), um filósofo colocado, quase sempre, no rol dos obscuros e difíceis chama atenção para isto quando diz que seus livros são mais bem compreendidos por aqueles que não estão nos corredores e salas da universidade, mas por jovens de quinze a vinte anos, pois não estão engessados pelo discurso acadêmico.

É que há duas maneiras de ler um livro. Podemos considerá-lo como uma caixa que remete a um dentro, e então vamos buscar seu significado, e aí, se formos ainda mais perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante. E trataremos o livro seguinte como uma caixa contida na precedente, ou contendo-a por sua vez. E comentaremos, interpretaremos, pediremos explicações, escreveremos o livro do livro, ao infinito. Ou a outra maneira: consideraremos um livro como uma pequena máquina a-significante; o único problema é: "isso funciona, e como é que funciona?" Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada se passa, pegue outro livro. Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender (DELEUZE, 2000, p. 16-7).

O que o filósofo francês nos aponta é o fato de existirem duas leituras, uma preocupada com o significado das coisas, muito comum nas salas de aula de uma universidade, quando um professor solicita ao aluno a síntese de uma determinada teoria; e outra, mais livre e orientada para a produção de sentidos, que utiliza o texto como uma alavanca para a construção de novos conceitos e de novas percepções estética, política e éticas.

Esta concepção deleuziana se alinha com a percepção de Barthes, que divide estes produtos da cultura letrada em duas categorias: texto de prazer e texto de fruição, sendo o texto de prazer aquele que "contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela" (BARTHES, 2004, p.20) e o de fruição, "o que desconforta" (Op. Cit., p.20-1), provocando uma crise nas bases culturais e epistemológicas do sujeito. Esta noção de leitura como ato produtivo, tem se desenrolado por vários campos de conhecimento e ampliado o modo como percebemos nossas relações com os textos impressos (e cada vez mais, também, digitais).

A discussão contemporânea sobre o leitor ampliou a forma como percebemos nossa relação com os objetos escritos, tentando abandonar velhos preconceitos, que pretendem ver nos leitores uma hierarquia, na qual os praticantes de leituras não canônicas e não aceitas pela academia, nem seriam leitores. Dessa forma, como denominaríamos um sujeito que dialoga com um jornal, uma revista em quadrinhos ou o leitor emergente das novas relações com a Internet? O campo crítico da Leitura aproxima-se de uma compreensão de leitor como aquele que lê, indiscriminadamente, todo tipo de texto, em convergência com o pensamento de Jean Marie Goulemot, quando

este diz que a leitura seja popular ou letrada, “é sempre produção de sentidos” (2001, p. 107).

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências [de um texto] [...] Ler é, portanto, construir e não reconstruir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma **polissemia** [grifo do autor] do texto literário. A situação da leitura é, em decorrência disso, a revelação de uma das virtualidades significantes do texto. No limite, ela é aquilo pelo qual se atualiza uma de suas virtualidades, uma situação de comunicação particular, pois aberta. (GOULEMOT, 2001, p.108).

O leitor aparece então como o produtor de um sentido, não um decifrador dos sentidos pretendidos pelo autor. É o leitor quem atualiza a obra literária, ao estabelecer uma leitura, ele faz com que do texto, da multiplicidade de sentidos contidos no objeto literário, brote um entendimento, uma leitura que é uma dentre todas as possíveis. Isto só acontece porque “uma obra literária é uma obra aberta e incompleta, cuja recepção faz dela o que realmente é” (GÓMEZ, 1989, p 53). Além disso

o exercício da leitura não é um dom, como por vezes se quer fazer crer. Da mesma forma, não é uma panacéia. Ler é um exercício mental indispensável à aquisição de uma consciência mais completa acerca do humano, ao projeto de uma existência estruturada na compreensão das diferenças e na prática da tolerância. Cinco séculos e meio após a invenção da imprensa, ler é um ato em demanda de contínua expansão, um elemento da produção da cultura humana que se mostra primordial à realização do projeto civilizatório (LACERDA, 2009, p.13).

Outro conceito que deve ser problematizado numa discussão sobre leitura, é o de literatura, que guarda em seu bojo o problema de trabalhar com um objeto que se transforma no tempo, produzindo aproximações sempre provisórias, pois definir literatura é uma impossibilidade. Segundo Massaud Moises (1987), as definições pertenceriam a um outro tipo de saber, às ciências, e corresponderiam ao enunciado das características e da essência de um determinado objeto. A literatura, para ele, só pode ser conceitualizada, pois o conceito “diz respeito ao caráter acidental ou particular dum objeto, e decorre de impressões mais ou menos subjetivas” (MOISES, 1987, p. 25).

Conceituar literatura ainda inseriria um outro problema que é o da circunstancialidade do conceito, que se transforma no espaço-tempo da história, aproximando-se mais do sentido que da representação da essência, propriamente dita, da

coisa. Dessa forma, as considerações produzidas pelo literário, sendo conceitualizações, passam sempre por um processo de atualização histórica, pois os sujeitos relacionam-se com os objetos estéticos de maneira diversa e o cânone ou clássico de uma determinada nação pode não passar de literatura menor, quando observada pelo outro; e mesmo um autor de reconhecimento nacional contemporâneo pode ser esquecido em poucas gerações.

Eagleton (1994), tentando responder à mesma pergunta, passa ao largo de definir o que é literatura, mas aponta seu caráter complexo, cujas possibilidades de compreensão estão baseadas em concepções ideológicas e juízos de valor, que variam historicamente, transformando-se de acordo com as leituras que são feitas ao longo do tempo.

Para Fraisse e Mouralis (2001), as obras literárias não chegam a este “status” por si mesmas, por uma característica que seja própria da obra, elas são produto de uma convenção; e uma mesma obra ou um mesmo tipo de obra podem ter seu “status” modificado ao passar do tempo ou de um lugar para o outro. Esta volatilidade do que se concebe como literário, no espaço social, acaba por refletir nas tentativas de compreensão, de definição ou outro termo qualquer que se use para estabelecer um tipo de entendimento do que é literatura.

Então, o que viria a ser literatura? Linguagem carregada de sentido como propôs Pound (s/d, p. 32)? Ou literatura é tudo aquilo que queremos ler como tal? Ou são apenas os livros e autores que recebem o carimbo “Clássico” ou “Grande Literatura”?

Neste sentido, diante de toda a complexidade apresentada anteriormente, quando tratarmos de literatura, neste artigo, ela será compreendida como todas as produções escritas de cunho ficcional, seja em prosa ou poesia. A ficção comunica algo a alguém sobre o objeto que constitui a realidade; a ficção diz algo sobre o real, mas que não é o real. Constitui-se como um universo paralelo, um espaço sem tempo. Assim, a literatura seria uma forma de conhecimento, cujo sentido está no diálogo do universo ficcional com a realidade, ou como nos diz Azevedo (2004, p.45), “um modelo de pensamento que recorre à ficção e à poesia para interpretar e dar significado à vida e ao mundo”.

A construção do conhecimento que se produz no diálogo com o literário se daria no processo da leitura, que transforma o indivíduo à medida que lhe permite deixar o real imergindo no mundo fictício, ao mesmo tempo, que retorna ao real com o olhar modificado pela ficção (JOUVE, 2002). O leitor literário significa a sua experiência com os sentidos produzidos durante a leitura, fazendo emergir daí imagens, lugares, percepções, sentimentos e espaços, produzindo “uma ruptura no interior das vivências do sujeito, apontando-lhe as possibilidades de outro universo e alargando suas oportunidades de compreensão do mundo” (ZILBERMAN, 2001, p. 55). A leitura literária como possibilidade de transformação do sujeito.

Leitura: problematização dos sentidos

Neste sentido, a discussão contemporânea sobre leitura tem sofrido a influência direta dos trabalhos da Estética do Efeito de Wolfgang Iser (1999) no acolhimento à multiplicidade de sentidos que se produz em uma leitura, onde não se prepondera uma voz, uma leitura ou um conceito. De onde emergem sentidos para serem problematizados.

A proposta de Iser aponta a reciprocidade na relação entre o texto e o imaginário do leitor. Para ele, a história da recepção de um texto, das leituras estabelecidas por diferentes leitores, pode oferecer interpretações distintas, apesar de responderem a um mesmo objeto passível de interpretação.

O sentido emerge desta relação como uma ação comum produzida entre o texto e o leitor, não porque seja uma qualidade intrínseca ao texto, ou algo intencionalmente organizado pelo autor, mas pela capacidade criativa do leitor ao seguir as pistas que o texto lhe oferece, preenchendo os espaços de indeterminação. Assim, a busca pelo sentido não se reduz a uma explicação, ou tentativa de uniformização do mesmo, passa a ser um efeito a ser experimentado. O sentido apresenta-se como efeito, cujo impacto dependerá da interação do leitor com o texto (ISER, 1996).

Esta multiplicidade de sentidos advindos de um mesmo objeto literário se dá pelas lacunas ou vazios apresentados pelo texto. O sujeito que desenvolve a leitura identifica elementos que serão preenchidas com a sua experiência, seu conhecimento prévio da língua, de outros textos, do outro, do mundo. O texto é entendido como um elemento de provocação, no qual o leitor intervém, atuando produtivamente sobre os seus espaços vazios (ISER, 1999). “A função do leitor é eminentemente transformadora, pois, graças à sua ação, a obra passa de mero artefato artístico a objeto estético, passível de contemplação, entendimento e interpretação” (ZILBERMAN, 2001, p. 51).

O leitor evidencia-se como pertencendo ao texto, um componente seu a quem compete acompanhar a partitura apresentada pelo narrador. [...] Por outro lado, o leitor é também uma figura histórica: seu horizonte, delimitado pelas possibilidades de aceitação de uma obra, impõe restrições à liberdade de criação do escritor. Este, para assegurar o trânsito social de sua arte, respeita-o e, até certo ponto, repete-o, mas também promove rupturas e introduz, no interior desse diálogo, uma tensão dialética. Por decorrência, entre artista e audiência há uma relação **sui generis** [grifo da autora], já que, a todo momento, a troca estimulada pela leitura, que parece colocar os dois indivíduos em pé de igualdade, está em vias de chegar ao atrito e ao rompimento (ZILBERMAN, 2004, P.99)

O leitor ativa os pontos de indeterminação – inerentes ao texto ficcional - através de sua leitura, que se processa como uma seleção, dentre as potencialidades apresentadas pela obra artística, daquelas que mais o tocaram intelectualmente, esteticamente e emocionalmente. O texto afirma, dessa maneira, sua dimensão dialógica que, por um lado interage com a cultura e por outro pressupõe a ação de quem lê, e é, dessa forma, que o texto “se torna vivo na consciência imaginante do leitor” (ISER, 2001, p.132).

Na experiência artística, vivemos algo que diz respeito a nós mesmos, a sociedade e aos acontecimentos dos quais somos protagonistas, coadjuvantes, figurantes ou espectadores. A arte nos coloca em várias posições, em contato com outros pontos de vista, nos desloca geograficamente, provocando novas formas de perceber o mundo, de ver o outro, quando experimentamos o que é fazer e ter experiência no mundo. “A experiência estética proporciona um espaço de jogo frente ao vivido” (INNERARITY, 2002), onde o sujeito brinca com a potencialidade da existência.

Agora que já falamos conceitualmente da leitura, vamos discutir uma forma de dar sentido a esta questão do ponto de vista metodológico, como trabalhar com o texto de uma forma que potencialize, de fato, o ato de ler, conferindo-lhe este caráter múltiplo, que não deve ser reduzido, mas compreendido como uma prática cultural e, dessa forma, tal qual uma música que nos serve de trilha sonora para algum momento da vida, encontrar no sujeito-leitor a ressignificação dos sentidos originais pensados pelo autor.

Círculo de Leitura

A experiência de leitura em público é muito antiga, manifestando-se historicamente em inúmeros períodos do devir humano sob as mais variadas formas e nomes, sendo amplamente detalhada por inúmeros autores (FISCHER, 2006; MANGUEL, 1997 e 2006; HAMESSE, 1998; LYONS, 1999, entre outros). Porém este ato, o de ler em público, não pode ser confundido com o que se propõe a fazer em um círculo de leitura, que não é um exercício de retórica ou oratória. O mais importante em um círculo não é o conteúdo, mas as práticas de leitura e os sentidos produzidos coletivamente.

Neste sentido, ele também difere das Rodas de Leitura, como as propostas por Vargas (1997), pois não há a presença de um erudito ou escritor, que vá “esclarecer” o texto para um determinado público. No Círculo, é o público que lê, sem a presença do autor, que, por si só, já desautorizaria as demais leituras.

Tampouco é aquilo que Yunes (1999) chama de conversa afiada: uma reunião de *experts* para debate de um determinado tema, cuja principal intenção é causar a polêmica, que nos círculos são eventuais.

Por fim, não se enquadram também nos círculos de leituras temáticas, como os de leitura bíblica, marxista ou psicanalítica, cujo mote é o aprofundamento nos fundamentos de um determinado saber, e as leituras já estão pré-determinadas pelo próprio enunciado.

Um círculo é um espaço onde a leitura cheira a liberdade, sem o ranço teorizante das salas de aula, nem a presença de um erudito centralizando as discussões. Os participantes têm sua voz respeitada e ouvida. Ao mesmo tempo, é solicitado de seus

participantes/leitores compromisso com a existência e o funcionamento da atividade, pois não basta ter vontade, é preciso que, num espaço de construção coletiva de sentido, todos conduzam o timão de sua formação. Neste ponto, não posso deixar de citar as bases teóricas nas quais se funda a concepção de Círculo de Leitura, cujo esteio está assentado nas concepções de Eliana Yunes.

Para ela, um círculo se justifica como uma estratégia de sedução, para se estabelecer o interesse pela prática do ato da leitura (YUNES, 1999). O círculo recorda uma prática histórica, que se afigura no imaginário ocidental, o contar e o ouvir histórias. Trata-se realmente de ressuscitar um gosto ancestral, adormecido pelos apelos sensuais e imediatistas do mundo contemporâneo.

A partir de um momento inicial, sem estipulação de tempo, a leitura é desenvolvida, após a qual, os sujeitos entremeiam suas impressões, ilações e comentários acerca do texto, que conduzem o leitor responsável a estimular novas intervenções, a partir da leitura do texto proposto, ou de outros textos que tenham trazido, já antecipando tais problematizações, ou outras leituras, que eventualmente os outros leitores queiram fazer, portanto, se lê durante toda a atividade.

Pedagogicamente, a justificativa para o círculo yunesiano é o contato humano, o estabelecer-se de uma relação grupal não regrada pela competição, realidade que o sujeito já enfrenta em outros espaços da sociedade, como no trabalho, família, etc.

Os **círculos de leitura** [grifo da autora] se propõem assim – todos se acham em igual distância de um centro, que não é nunca o professor [o leitor-guia, ou outro participante qualquer], mas o texto, o filme, o quadro, a crônica, a reportagem, o documentário que se lê (YUNES, 1999, p.19).

Além da sedução pela literatura e da humanização promovida pela atividade dos Círculos, há, também, a questão da formação, servindo como lugar no qual se apresenta e discute o repertório de leitura de cada participante, que nesse momento são reelaborados, cotejados e imersos em outros contextos trazidos pelos demais participantes.

Para toda reunião do Círculo, há um leitor-guia – o leitor responsável pela sessão a que me referi mais acima – que, uma quinzena atrás, comprometeu-se com a leitura e a apresentação de autor pertencente ou não ao seu repertório, cujo texto ele desejou compartilhar neste momento. Essa leitura deverá ser estendida aos demais leitores-ouvintes, que se comprometem a tomar conhecimento do autor, tema e/ou do texto que será lido no próximo encontro.

Nessa atividade, ele deverá apresentar, além da leitura do texto, que pode ser um conto, um poema, trecho de romance ou o que mais lhe aprouver, um relato do encontro com o texto e/ou o autor, contextualizando para os ouvintes o seu objeto de escolha: o que o texto significou para ele em um momento da sua vida, situação em que encontrou o livro numa livraria ou biblioteca, sua primeira leitura, suas impressões acerca do texto no conjunto de obras do autor ou qualquer outro fator que humanize a escolha do texto, tornando-o texto do autor e do leitor que desenvolve a leitura e a compartilha no Círculo.

Recomenda-se que o leitor-guia faça um breve relato biográfico do autor escolhido, no sentido de perceber o contexto histórico de produção do texto literário. Mas este não é um elemento obrigatório, ficando a encargo de todos os participantes trazerem elementos para problematizar a leitura desenvolvida pelo leitor-guia.

Este personagem – o leitor guia - tem um papel essencial na condução de um círculo. É ele quem faz com que a palavra circule, de fato. Como nos lembra Yunes (1999), ele tem um papel que é o de coordenar, no sentido mais estreito do termo, não lhe cabe somente a leitura do texto proposto, mas o funcionamento do Círculo, responsabilizando-se tanto pelo seu sucesso, como por seu fracasso.

Na proposta yunesiana, o leitor-guia tem que ser experiente (no entanto, deve incentivar participação dos neófitos, levando em consideração que o leitor-guia novato trabalhará com o que lhe é mais próprio, como o seu livro preferido etc), não para usar seu conhecimento literário, oprimindo os demais participantes – “está, pois, fora de cogitação usar o espaço do **Círculo** [grifo da autora] para o leitor-guia reinar sobre ele, em tom professoral que não deixe dúvidas de quem é o ‘sábio’” (YUNES, 1999, p. 20) -, mas para problematizar a leitura, costurando os momentos de leitura textual com as

impressões surgidas durante a escuta, sintetizando-os, apontando caminhos, ou seja, tecendo a rede de sentidos que se produz naquele momento.

O trabalho de um leitor-guia é fazer luz sobre as cenas de leitura, os atos de leitura, sem impor sua condição ou a do autor. O que se quer alcançar com o Círculo de Leitura é a descoberta da condição de leitor e uma qualificação maior para a leitura, por conta mesmo da troca, do intercâmbio, da interação de vivências e histórias de leitura – segundo o repertório de cada um (YUNES, 1999, p. 20).

Cabe-lhe também o papel desagradável, porém necessário, de conter os participantes mais afoitos, que querem se tornar proeminentes, causando mal-estar aos demais (YUNES, 1999). É do leitor-guia esta responsabilidade, que é a de zelar pelo funcionamento do Círculo, enquanto espaço democrático, procurando garantir que a multiplicidade de vozes aconteça.

Um círculo é uma atividade limítrofe, caminha no espaço ocupado por atividades centralizadoras como a escola, o trabalho e a família, onde há sempre uma figura que centraliza e determina como os outros devem agir. O círculo é desenvolvido por pessoas acostumadas a este tipo de espaço, e assim, caso o leitor-guia não se posicione ou os leitores-ouvintes não exponham o que pode ser uma fala mais centralizadora, um círculo pode se transformar em algo que não é: espaço para proselitismos, grupo terapêutico ou experiência mística coletiva.

Não há imunidade para os participantes de um círculo. É também um espaço de crítica, onde ninguém está a salvo de contestação. Todos devem ter claramente que o centro da atividade é o texto. Da mesma forma que sua leitura não pode ser intimidada pela presença do autor, como se faria em uma Roda de Leitura, o leitor-guia não deve ser o dono da verdade, ou do texto. A idéia é produzir sentidos coletivamente, tendo os leitores, tanto o guia como os ouvintes, como co-autores do texto que se lê.

Após a apresentação inicial do leitor-guia, abre-se para as intervenções dos leitores-ouvintes, que podem tanto ser de natureza biográfica, histórica, ressaltando o contexto de produção do texto, produzindo sentidos, articulando leituras de outros textos

do autor, impressões pessoais, relatos autobiográficos e, até, extravasamento de emoções.

Terminada a apresentação do autor do dia, reinicia-se todo o processo, levantando-se para todos a pergunta: quem gostaria de fazer a leitura na próxima quinzena? Alguém responde, ou vários respondem e o Círculo recomeça.

Esta atividade potencializa a condição do leitor, oferecendo-lhe, para além de sua relação pessoal com as manifestações da cultura letrada, um momento de mirada sobre suas concepções de leitor, leitura e literatura. Um Círculo de Leituras é, também, um momento de crítica, resultando em re-elaborações acerca das situações do cotidiano e dos objetos estéticos, à luz da ficção.

Estando em um círculo, este leitor experimenta mais, confronta imediatamente suas impressões, sentimentos e inferências com as produções dos demais sujeitos da leitura, adotando, rejeitando ou incorporando parcialmente tais construções, situação que um leitor solitário só pode experimentar em um espaço tido como apropriado (congresso, sala de aula, encontro com amigos que tenham o mesmo interesse), muitas vezes, com o distanciamento do texto, utilizando-o ilustrativa ou didaticamente, ou tendo uma figura centralizadora, que, por mais democrática que seja, inibe determinadas intervenções que só aparecem quando nos percebemos entre iguais.

Existem, ainda, outros aspectos que devem ser observados para a execução de um círculo de leitura (YUNES, 1999):

- O ambiente e o espaço de convivência devem colaborar com a atividade a ser desenvolvida, por isso, pensar num local fresco, arejado, coberto, confortável e inspirador – como uma biblioteca ou uma sala de leitura – deve ser um pressuposto para o desenvolvimento do círculo;
- O número de pessoas não deve ser muito grande nem muito pequeno. Muitas experiências de círculo tem tido êxito com números que variam de cinco a vinte e cinco pessoas;

- Pensar na adequação do texto ao público alvo. Usar o bom senso para a escolha é sempre importante e, principalmente, levar em consideração os textos que você acredita que podem cativar e seduzir os sujeitos para a prática da leitura;
- É importante estabelecer a cultura do círculo, com horário e local determinados;
- Que trabalhem com diferentes linguagens: cinema, teatro, artes plásticas e visuais, musica, história etc;
- Que se alterne o leitor-guia depois de um certo tempo de condução pelo coordenador da atividade, autorizando os sujeitos a pensarem o literário sem os entraves teóricos da historiografia literária, mas com referência a sua história com o objeto de leitura;
- É importante limitar o tempo, bem como estendê-lo quando o grupo demandar;
- Preparo do leitor-guia, que deve articular as falas e leituras, incentivar participações reticentes e provocar os demais participantes do círculo, para que estes se coloquem criticamente ante o exposto.

Considerações Finais

Vimos, neste artigo, um modo de compreensão da leitura do ponto de vista conceitual e metodológico, que problematiza uma prática cultural incontornável na contemporaneidade, a leitura, presente em nossos trânsitos sociais, políticos e acadêmicos e que oferece, aos sujeitos que a praticam, a liberdade que a autonomia intelectual nos proporciona, a de não precisar de alguém que nos traduza o mundo. Lendo tecemos nossas próprias considerações sobre o real.

Em tempos de esvaziamento dos sentidos, de perda quase diária de espaços culturais e sucateamento das bibliotecas e fechamento das livrarias, instaurar práticas de leitura grupal pode parecer antiquado, mas um papel, talvez o mais significativo, senão, subversivo, exercido pela universidade, é o de resistir às modas e ao turbilhão do consumo. E, nesses tempos no qual ler parece um ato improdutivo, insistir nesta prática é o nosso papel - como professores, pesquisadores e intelectuais -, o de quebrar a lógica

violenta do consumo, da falta de tempo, simplesmente, apresentando ao sujeito uma forma de estar-no-mundo.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e Razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). Caminhos para a formação do Leitor. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

EAGLETON, Terry. Una Introducción a la Teoría Literaria. Tradução de José Esteban Calderón. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1994.

ECO, Umberto. Lector In Fabula. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FISCHER, Steven Roger. História da Leitura. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

FRAISSE, Emmanuel; MOURALIS, Bernard. Questions Générales de Littérature. Paris Éditions du Seuil, 2001

GÓMEZ, Luis A. Acosta. El lector y la obra: teoría de la recepción literaria. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. Práticas de Leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

HAMESSE, Jacqueline. O modelo Escolástico da Leitura. In: CAVALLO, Gugliemo; CHARTIER, Roger. História da Leitura no Mundo Ocidental, vol. I. Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1998.

INNERARITY, Daniel. Prefácio. In: JAUSS, Hans Robert. Pequeña Apología de la Experiencia Estética, tradução de Daniel Innerarity. Barcelona: Ediciones Piados; I.C.E./U.A.B, 2002.

- ISER, Wolfgang. O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético, vol I. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, Wolfgang. A Indeterminação e a Resposta do Leitor na Prosa de Ficção. Tradução de Maria Ângela Aguiar. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- ISER, Wolfgang. A interação do Texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. A Literatura e o Leitor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- JAUSS, Hans Robert. Pour Une Esthétique De La Réception. Tradução de Claude Malliard. Paris: Gallimard, 2005.
- JOUBE, Vincent. A Leitura. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- LACERDA, Nilma. Casa da Leitura: presença de uma ação. Disponível em <http://www.bn.br/proler/images/PDF/cursos4.pdf>. Acesso em 20/04/2009.
- LYONS, Marlyn. Os Novos Leitores no Século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. História da Leitura no Mundo Ocidental, vol. 2. Tradução de Cláudia Cavalcanti, Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1999.
- MANGUEL, Alberto. A Biblioteca à Noite. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MANGUEL, Alberto. Uma História da Leitura. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MOISÉS, Massaud. A Criação Literária: poesia. São Paulo: Cultrix, 1987.
- PICARD, Michel. La Lecture Comme Jeu. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.
- POUND, Ezra. ABC da Literatura. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes, s/d.
- VARGAS, Suzana. Rodas de Leitura: o que são, de onde vieram, para onde vão? In: Leitura: teoria & prática, nº. 29. Porto Alegre: Mercado Aberto; Campinas: ALB, 1997.
- YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. In: Leitura: teoria & prática, nº. 33. Porto Alegre: Mercado Aberto; Campinas: ALB, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo: Ática, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. Fim do livro, fim dos leitores? São Paulo: Editora SENAC, 2001.